

Ressaca ecológica

JOSÉ SARNEY

A Rio-92 acabou. O sonho de alguns e fundamentais compromissos da humanidade para afastar a trágica visão do Efeito Estufa, integridade da camada de ozônio, do ar e mares limpos, da biodiversidade, não se realizou. A discussão sobre meio ambiente deixa uma ressaca de frustrações e medos. O problema voltou aos idealistas e não sensibilizou os estadistas. Resta a pergunta: ou o mundo está em perigo e foi abandonado ao suicídio, ou todos nós fomos vítimas de um embuste? A Terra não está doente, loucos estão os homens, pensando em conservar a vida, quando se deve pensar em preservar empregos e patentes (Doutrina Bush).

Mas o mundo atual é bem diverso daquele em que a Rio-92 foi convocada. Ecologia não é mais o **big word**.

Com os vertiginosos acontecimentos dos últimos anos, já podemos detectar alguns indícios das forças que atuarão neste novo mapa do poder mundial, ecologia à parte, que nasce depois do fim da guerra fria. Julgávamos que íamos iniciar um período de paz e prosperidade universais. Tal não aconteceu. O mundo viveu, desde o Tratado de Westfália, de 1648, uma ordem clássica que tinha como fundamento o equilíbrio de poder, estados soberanos, com base de paz. Quando esse equilíbrio se rompia, a guerra era uma fatalidade. A descoberta das armas nucleares fortaleceu essa tese com a doutrina Kissinger da dissuasão. Agora, passado o confronto, não temos mais a quem dissuadir. A pergunta é a de saber-se qual será o novo ou novos inimigos? Enquanto estes não aparecem é bem provável um período de guerras localizadas, instabilidade de fronteiras, lutas de etnias, fundamentalismos etc. Exemplo dramático o da desintegração da Iugoslávia e dos latentes nacionalismos em toda a Europa, não só do Leste, se contarmos os bascos, os catalães e os galegos.

Outra coisa evidente é o papel hegemônico dos Estados Unidos, solitário na sua posição de super-grande potência, até onde a nossa geração é capaz de fazer prognósticos. Mas nasce uma pergunta: até onde eles usarão a força? Como desempenharão essa tarefa? Para criar um mundo mais justo e mais humano, ou para consolidar esse poder incontestável?

Outra interrogação é sobre a ONU. A tendência é fortificá-la, dar-lhe condições e força para desempenhar a missão para a qual foi criada. Será o grande fórum harmonizador de conflitos e tutora da ordem mundial — para desempenhar essa tarefa, sua autoridade moral terá que pairar acima de qualquer suspeição. Acorde outra pergunta: ela terá a independência necessária para isso,

ou será submetida a interesses de algum poder hegemônico? As últimas reformas administrativas realizadas pelo novo secretário geral trouxeram algumas reservas. Elas são acusadas por Karlner, da Green Peace, de "um programa estrutural exigido por Washington. Particularmente, as modificações da UNCTNC (comitê sobre multinacionais) são tidas como dirigidas contra organismos que escapavam ao controle das outrora grandes potências. Esse sinal é grave.

Outra característica do novo mapa de poder é o final da divisão em mundos, Primeiro, Segundo e Terceiro. Acabou o Segundo Mundo, o comunista. Só existe o Primeiro e os outros. Cresce a tendência de blocos: 1) Europa Ocidental; 2) América do Norte (EUA, Canadá e México); 3) o espaço asiático (Japão, Novos Tigres); 4) O bloco emergente, que terá como centro a Rússia; 5) Os outros, onde está o Brasil.

Algumas características dessa nova construção geopolítica são o agravamento do contraste Norte-Sul, a tendência a justar confrontos da área militar para setores de competição econômica e tecnológica, a descoberta de novos materiais, implicando a sedução de peso e tamanho de produtos que, compactados, liberam os grandes mercados de quantidades cada vez mais apreciáveis de matérias-primas das áreas pobres, o fluxo de capital que se dirige para a concentração nas áreas ricas, tensões desestabilizadoras nas áreas de emigração, religião, raças.

Outra indagação sem resposta é sobre a Alemanha e o Japão. Não se pode pensar numa Alemanha, potência continental, sem poder militar e político. A reação da Dinamarca no mercado comum já é um alerta sobre a possível hegemonia germânica, inevitável no vazio da URSS.

E o Japão? Poderá acomodar-se com poder econômico, sem prestígio militar e político, outrora potência marítima, para proteger suas rotas de abastecimento?

E a pergunta final: onde estará a América Latina, que papel lhe está reservado, sendo 8,6% na população da Terra, 540 milhões até o fim do século, neste mundo re-desenhado? Condenada a ser parte do proletariado mundial ou convulsa em busca de esperança, comida, teto e trabalho para as multidões famintas que perambulam pelas periferias do Rio, São Paulo, Brasília, México, La Paz, Bogotá, Caracas, Lima e os esquecidos camponeses destas vastidões solitárias.

Este mundo de perplexidades, indagador, que estava na Rio-92, sem se falar na maior poluição, aquela que Paulo VI chamou de pobreza e da juventude desesperançada e miserável, que perpassa nas páginas mais pungentes de Charles Dickens, Victor Hugo ou Dostoiévsky.

José Sarney é membro da Academia Brasileira de Letras e senador pelo Amapá.